

---

## ESCULTURAS DA PRAÇA

---

## UNIVERSITÁRIA EM GOIÂNIA:

---

## PERCORRENDO PISTAS

---

## DO IMAGINÁRIO URBANO\*

---

RAFAEL CAIQUE DA SILVA SANTOS ARANTES\*\*, VALÉRIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA\*\*\*

*Resumo: neste estudo procuramos investigar o imaginário da Praça Universitária, compreendendo a relação entre suas representações escultóricas e o uso do espaço pelos sujeitos. Elegemos os monumentos escultóricos como pistas para uma análise do imaginário urbano devido à dimensão simbólica que estes artefatos possuem e sua relevância na constituição da paisagem da Praça Universitária. Nesse sentido, buscamos entender o sentido destas representações a partir da realização de algumas observações em campo e através dos testemunhos de alguns frequentadores do local.*

*Palavras-chave: Esculturas. Praça Universitária. Goiânia. Imaginário Urbano.*

**A**o analisarmos a Praça Universitária no espaço urbano de Goiânia, percebemos que estamos tratando de um local com diversas especificidades dentro da cidade. Além da sua morfologia e as diferentes formas de uso, a Praça possui um Museu de Esculturas Ao Ar Livre<sup>1</sup>, com representações escultóricas e intervenções artísticas dispostas ao longo do seu espaço, com formas e conteúdos abstratos e figurativos.

---

\* Recebido em: 18.08.2016. Aprovado em: 13.09.2016. O presente artigo constitui-se em parte dos resultados oriundos da monografia A praça imaginária: representações monumentais e uso do espaço na Praça Universitária em Goiânia-Goiás, defendida em 2016 no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, campus Goiânia\*\* Graduada em Medicina pela PUC Goiás. Médica residente em Clínica Médica do Hospital Regional de Taguatinga – Brasília/DF. E-mail: arianacadurin@hotmail.com.

\*\* Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, campus Goiânia, sob orientação da Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva. E-mail: rafaelcaiquearantes@gmail.com

\*\*\* Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. E-mail: vpcsilva@hotmail.com

Como construção histórica e simbólica, a Praça Universitária tem congregado inúmeras funcionalidades aos grupos de sujeitos que ali se encontram, proporcionando a manutenção da vida social. Observamos que a partir da implantação das peças escultóricas em seu interior no ano de 2000, ocorre uma revalorização paisagística, histórica e cultural, resultando em novas sensibilidades e constituindo uma memória urbana.

A partir dessa condição, objetivou-se nesse estudo uma análise das relações estabelecidas entre os sujeitos que frequentam a Praça Universitária com as esculturas instaladas no local, no intuito de compreendermos as diversas manifestações decorrentes dessas experiências. Nessa perspectiva, foram empreendidas durante o processo de elaboração deste trabalho algumas observações em campo, cujo principal objetivo foi o de identificar a materialidade simbólica através das principais representações escultóricas instaladas na Praça Universitária, compreendendo os signos e sentidos atribuídos pelos frequentadores e também as diferentes formas de uso e apropriação deste espaço.

Procuramos também delinear algumas pistas percorridas durante a realização deste estudo que direcionaram nossas reflexões sobre a constituição de um imaginário urbano em Goiânia, tendo como principal referência algumas esculturas significativas da Praça Universitária apontadas pelos sujeitos. Dessa forma, buscamos expressar de maneira interpretativa, os principais significados atribuídos pelos frequentadores do local através do recolhimento de suas narrativas. Num primeiro pressuposto, entendemos que por possuírem diversos sentidos e significados, as esculturas podem denotar várias formas de compreensão pelo expectador, demonstrando a subjetividade e complexidade dessa relação.

## A CIDADE CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA E IMAGINÁRIO URBANO

Na contemporaneidade as cidades tornaram-se a principal referência dos atores sociais, pois além das diversas funções e especificidades, possibilitam o encontro e a manutenção da vida social. Dessa forma, tornou-se crescente o uso e apropriação dos espaços urbanos através de diversas práticas nas cidades, e isto tem implicado em novas sensibilidades e experiências urbanas. Em contrapartida, observa-se também que as cidades inseridas no contexto da modernidade, como Goiânia, por exemplo, são também marcadas por um ritmo de tempo acelerado que transforma diretamente o cotidiano e a dinâmica da vida e das relações sociais, interferindo na aproximação entre os sujeitos e os elementos que integram o espaço urbano.

Autores como Freire (1997), Peixoto (2004) e Pesavento (2002) abordaram em seus estudos a relação entre a experiência cognitiva entre os sujeitos com a cidade e a rápida transformação da paisagem urbana na modernidade. O tempo tornou-se um símbolo do capitalismo, e nas cidades: “A aceleração do tempo faz com que qualquer experiência com uma temporalidade que extrapole o presente imediato, especialmente em direção ao passado, seja ininteligível, inalcançável, insondável” (FREIRE, 1997, p.124).

A capital Goiânia, planejada e construída no começo do século XX, surge com traços de uma cidade moderna. Marcada pela consolidação de um plano político e econômico e sob um traçado rígido, possui características comuns às cidades planejadas no Brasil. Nesse sentido, Silva (2013) destaca que o tempo nas cidades que surgem a partir de um projeto encontra-se em transcurso, o que configura em outra temporalidade, ou seja, possuem uma densidade do conteúdo tempo-espaço com duração menor em comparação a outras cidades

brasileiras consideradas históricas como a Cidade de Goiás, Pirenópolis, Salvador e cidades europeias como Paris, Londres, e Veneza.

Sobre a memória urbana, Abreu (1998) aponta que há na atualidade um crescente movimento preocupado em preservar a materialidade e os vestígios simbólicos das cidades, ressaltando que

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu neste século. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas são as cidades brasileiras, entretanto que apresentam vestígios consideráveis do passado (ABREU, 1998, p. 8).

Nessa perspectiva, tratando-se de uma cidade com quase um século de existência, e com uma historicidade em construção, é possível identificarmos vestígios simbólicos em Goiânia que direcionem para uma compreensão de seu imaginário urbano? Acreditamos que apesar desta cidade possuir uma memória em construção, já apresenta elementos em sua materialidade urbana capazes de apontarem para o seu imaginário.

Partimos também do pressuposto de que a identidade simbólica de uma cidade que surge a partir de um planejamento sofisticado como Goiânia, vai se consolidando através de uma busca pela significação do seu espaço urbano, através da construção de símbolos que vão dar sentido a sua materialidade. Nesse sentido, Silva (2010) em seu estudo sobre Palmas<sup>2</sup>, outra capital planejada no século XX no Brasil, aponta que nas cidades planejadas e recém-construídas, e que possuem uma historicidade recente, há uma busca pela significação dos seus espaços.

Quando essa “ausência de temporalidade” é identificada em cidades projetadas, a batalha pelos símbolos e a relação estabelecida entre imagem e imaginário urbano se intensifica, ressemantizando valores culturais e estéticos. A cidade “em busca do tempo” forja uma memória para o futuro, ao mesmo tempo em que produz um denso e significativo imaginário social (SILVA, 2010, p. 16).

Dessa forma, entendemos que a cidade é por excelência o lugar onde se convergem vários sentidos e signos que dão forma e sentido a sua materialidade e que compõem as representações do seu imaginário. Nesse sentido, os monumentos urbanos são instalados em uma tentativa de legitimar o traçado das cidades e constituírem uma temporalidade, mesmo que emergindo de um marco zero.

Sobre o conceito de Imaginário, Pesavento (2002) compreende que se trata de um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva, teria a capacidade de criar o real”. (PESAVENTO, 2002, p. 8). A autora também afirma que o estudo do imaginário urbano efetiva-se através de uma visão empírica sobre a cidade: “Neste contexto, se a cidade se impõe como problema e, portanto como tema de reflexão e objeto de estudo, ela se oferece como um campo de abordagem para os estudos recentes sobre o imaginário social”. (PESAVENTO, 2002, p. 8).

Freire (1997) afirma que o imaginário da cidade pode ser entendido como um acervo de camadas de diversas temporalidades, que são destruídas ou reconfiguradas pela sociedade. Desta forma, sedimentam-se resquícios (as ruínas) de tempos que se eternizam na

memória individual e coletiva dos cidadãos. Em Goiânia, talvez não seja possível identificarmos estas ruínas, mas no sentido deste estudo elas podem se tratar dos suportes da memória urbana, os monumentos escultóricos que margeiam os arredores da Praça Universitária.

## OS MONUMENTOS ESCULTÓRICOS: PERCORRENDO PISTAS DO IMAGINÁRIO URBANO

Para percorrermos as pistas sedimentadas na paisagem urbana, concordando com Peixoto (2004), é preciso uma investigação sobre a cidade que perpassa a realização de uma atividade descritiva, pois, é necessário explorá-la detendo-se a profusão de símbolos que marcam a paisagem urbana:

Uma maneira diferente de falar de uma cidade: a partir das primeiras impressões que temos ao chegar, das pedras e cinzas que restam dela ou dos velhos cartões-postais. Ou ainda dos seus nomes, capazes de evocar a vista, a luz, os rumores e até o ar qual paira a poeira de suas ruas. É por meio desses indícios - e não das descrições - que se pode obter um verdadeiro quadro dos lugares (PEIXOTO, 2004, p. 26).

A atitude de andar pela cidade na busca pelas imagens que compõe seu imaginário urbano é em Walter Benjamin uma importante referência. O autor, utilizando-se da figura do *flâneur*<sup>3</sup> alerta que “as descrições reveladoras da cidade grande (...) procedem daqueles que, por assim dizer, atravessam a cidade distraídos, perdidos em pensamentos ou preocupações” (BENJAMIM, 1989, p. 69). Nesta ótica, é preciso se perder pela cidade, assim como o *flâneur* se perde nas multidões:

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa-se o ambiente (BENJAMIM, 1989, p.35).

Para o *flâneur* a profusão de imagens e signos na paisagem urbana não passam despercebidas. Uma minuciosa observação do cotidiano da cidade revela uma riqueza de formas, sons, luzes, e passos que podem indicar pistas e permitem refletir sobre seu imaginário.

Dessa forma, para investigar o imaginário urbano da cidade de Goiânia, tendo como ponto de partida as representações escultóricas da Praça Universitária, foi preciso analisar a paisagem urbana de forma empírica, buscando elementos da materialidade urbana capazes de orientarem para uma compreensão de seu imaginário. Os monumentos escultóricos da Praça Universitária serviram de pistas para esta investigação, pois “investigar a relação das pessoas com os monumentos da cidade implica, necessariamente, refletir sobre a cidade e seu imaginário” (FREIRE, 1997, p. 108).

Devido às novas interações na cidade contemporânea, tem sido cada vez mais complexo definir o que de fato é um monumento. Krauss (1984) ao discutir sobre a evolução da

escultura e sua representatividade, expressa que não é possível dissociar monumento e escultura a partir de uma lógica específica:

A categoria escultura, assim como qualquer outro tipo de convenção, tem sua própria lógica interna, seu conjunto de regras, as quais, ainda que possam ser aplicadas a uma variedade de situações, não estão em si próprias abertas a uma modificação extensa. Parece que a lógica da escultura é inseparável da lógica do monumento. Graças a esta lógica, uma escultura é uma representação comemorativa — se situa em determinado local e fala de forma simbólica sobre o significado ou uso deste local (KRAUSS, 1984, p. 131).

Assim, é possível afirmar que um objeto é considerado um monumento a partir da sua representatividade, ou seja, são as significações atribuídas aos objetos que os tornam uma representação monumental. Freire (1997), por exemplo, afirma que o monumental pode se expressar em qualquer forma de objeto, desde um pequeno saleiro até uma joia, perpassando a ideia do escultórico somente pelas suas dimensões:

[...] O termo “escultura” passou a denominar uma gama imensa de coisas [...] muita confusão se faz ao imputar a categoria de monumento a todo o objeto que exceda determinadas dimensões, como se bastasse ser grande (ou enorme) para ser monumental; mais uma vez nos deparamos com uma medida não empírica. [...] Os monumentos ligam-se, como vemos, a uma rede de atributos e conteúdos simbólicos que extrapolam sua presença física (FREIRE, 1997, p. 98-9).

Nessa perspectiva, a análise que se pretende realizar nesse estudo, parte do pressuposto de que o objeto escultórico é um monumento, independentemente de sua forma e dimensão. Assim, o objetivo dessa investigação é entender, no campo do imaginário, os símbolos ligados às representações da Praça Universitária que dão sentido e os tornam monumentos escultóricos e as possíveis implicações no uso e apropriação deste espaço.

## A PRAÇA UNIVERSITÁRIA: SENTIDOS E OLHARES

Em uma cidade os sujeitos são compreendidos como os principais responsáveis pela produção do espaço urbano. Não é possível, desta forma, desvincular os atores sociais do surgimento e constituição dos diversos lugares da cidade. A própria origem e evolução da Praça Universitária, por exemplo, é marcada pela intervenção de grupos sociais que ao longo do tempo imprimiram/imprimem suas marcas através das mais variadas formas de apropriação.

As experiências sociais e as práticas cotidianas são fatores que implicam tanto na produção espacial como na significação coletiva dos espaços, pois, através dos vínculos estabelecidos materializam-se as construções simbólicas que possibilitam a constituição da memória destes lugares. Concordando com Brasil (1993), a presença dos sujeitos se apropriando dos espaços das praças urbanas, conferem legitimidade a estes lugares. A autora também destaca o referencial icônico que as praças estabelecem na paisagem urbana: “Pelo fato de representarem uma descontinuidade na malha urbana, as praças contribuem para a heterogeneidade e legibilidade da imagem da cidade” (BRASIL, 1993, p. 182).

No sentido das considerações anteriores, e entendendo a Praça Universitária como um referencial icônico da paisagem urbana de Goiânia que possibilita o encontro de vários grupos e sujeitos, apontamos os seguintes questionamentos: em relação ao espaço da Praça Universitária, de que forma os sujeitos se relacionam com sua origem e formação? Quais práticas sociais vinculam-se a sua consolidação ao longo do tempo?

Primeiramente, apoiamo-nos na premissa de que o surgimento do espaço de uma praça no espaço urbano pode estar relacionado ao planejamento público, ao processo de expansão urbana, a especulação imobiliária, e a contextos sociais e econômicos. Outro fator importante relacionado à origem do espaço das praças nas cidades deve-se a uma dimensão simbólica, pois, estes espaços também atestam os vínculos sociais estabelecidos no espaço urbano. Neste sentido, Caldeira (2007, p. 14) afirma que

Com seus diversos significados – funcionais ou morfológicos – a praça representava o espaço de maior vitalidade urbana. Eram espaços referenciais, atuando como marcos visuais e como “pontos focais na organização da cidade”. Esse status alcançado pela praça ainda se faz presente no imaginário urbano. Embora apresentem transformações significativas, as praças representam verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano da cidade. (...) São espaços-síntese da memória urbana, pois contam a própria história dessas cidades.

Tratando-se do processo de surgimento e apropriação dos atores sociais da Praça Universitária, Pelá e Chaveiro (2011, p. 5-6) atestam que ao longo de sua consolidação os sujeitos conferiram a este espaço diversas práticas:

Oficialmente, a Praça Universitária foi construída para ser um espaço público de lazer e convivência. (...) Todavia, notamos que o processo de ocupação e apropriação desse espaço nos últimos 39 anos vem adquirindo outras funções. A Praça Universitária extrapola a função simplesmente de praça cultural. Exemplo disso é o que ocorreu entre as décadas de 1970 a 1980, período da ditadura militar, em que a Praça Universitária teve uma importante função política. (...) Além da função política, podemos dizer que a Praça Universitária também cumpre as funções econômicas, educacionais, de um espaço de convivência, esportiva etc.

Compreendemos dessa forma, que o espaço da Praça Universitária ao longo de sua consolidação foi produzido e transformado de acordo com as necessidades e períodos distintos e através do envolvimento de vários grupos de sujeitos. Nesse sentido, instigou-nos buscar entender quais são os olhares que se relacionam com os monumentos escultóricos do local e quais sentidos emergem entre os sujeitos e estas representações: o que sentem e entendem os atores sociais ao estabelecerem contato com estes monumentos? Estes objetos são compreendidos pelos expectadores? O que pode interferir nesta relação?

Na tentativa de obter algumas respostas para estes questionamentos e entender a dinâmica destas experiências, buscamos extrair através de algumas narrativas dos sujeitos, acervos da memória individual e coletiva que possibilitassem essa compreensão. Concordeando com Freire (1997), através destes discursos é possível construir e reconstruir histórias e articulá-las as representações do imaginário.

Metodologicamente, realizamos algumas entrevistas individualizadas e com grupos de alguns frequentadores da Praça Universitária, no intuito de compreender a percepção destes sujeitos com o espaço e os monumentos ali instalados. Dessa forma, apontaremos algumas referências sobre o uso da Praça, e os relatos dos sujeitos interpe-lados nesta etapa, respectivamente, correlacionando-os com as principais reflexões enca-minhadas neste estudo.

## OS SUJEITOS E OS MONUMENTOS DA PRAÇA UNIVERSITÁRIA

Um lugar pode ser percebido por diversas formas. Cada sujeito a partir dos sentidos obtidos com sua experiência pessoal ou coletiva possui uma maneira peculiar de se relacionar e se identificar com os lugares da cidade. Para uma investigação que busca refletir sobre as maneiras em que os sujeitos percebem determinados espaços da cidade e suas representações, acreditamos fazer-se necessário entender o termo imaginação.

O sentido da palavra imaginar, refere-se ao ato de conceber determinada coisa ou objeto, criá-la, fantasiá-la, permitindo sua representação dada à mente através dos sentidos. Sobre o significado da palavra imaginação numa concepção filosófica, Chaui (2013, p.151-152) afirma que “A imaginação seria, pois, diretamente reprodutora da percepção, no campo do conhecimento, e indiretamente reprodutora da percepção, no campo da fantasia. (...) Pela imaginação, relacionamo-nos com o ausente e com o inexistente”.

Assim, da mesma forma em que os sujeitos percebem os lugares e suas representa-ções através dos sentidos, os mesmos também podem criar no campo da imaginação várias imagens destes lugares que perpassam a própria realidade. A experiência com uma escultura, por exemplo, permite a reprodução de sentidos e ideias que remetem a várias lembranças ou até mesmo criações imaginárias. Diante desta premissa, versaremos agora da fala de alguns entrevistados.

A construção de significados através da experiência dos sujeitos com as represen-tações escultóricas fica evidenciada quando analisamos, por exemplo, o discurso de alguns frequentadores da Praça Universitária ao serem questionados sobre quais eram as ideias e lembranças remetidas ao observarem as representações monumentais do lugar. Vejamos estes depoimentos:

Entrevistador: Quando você observa estas esculturas, o que você consegue perceber? Elas te trazem alguma lembrança?

Interlocutor 1: Eu gosto daquela dos dedos. Eu fico imaginando o que o cara pensou quando ele fez ela, sei lá! Parece ser alguém saindo debaixo da terra. Eu fico imagi-nando porque ele teve essa ideia. E o mais interessante também é a pedra, o material forjado, né? É algo até pessoal do artista, porque valorizou o trabalho dele quando expôs a obra aqui.

Interlocutor 2: Já me falaram que esse senhor aqui é importante (referindo-se a obra Camponês). Acho que ele se esqueceu de pagar a conta de luz, porque ele está numa fisionomia preocupada, ele tá encostado em uma árvore, eu não sei se ela está cortada pelo desmatamento, ou se é pelo avanço da necessidade de moradia,

ou se o artista não continuou a árvore por falta de espaço, mas ele está preocupado com alguma coisa.

Aquilo no pé dele é uma corrente? Seria um escravo? Provavelmente ele foi um escravo (...). Lá embaixo, tem um objeto de madeira, são algumas toras com uma espessura de um raio de 50 polegadas cada, e elas têm em média 1 metro e meio cada uma. Todas estão em pé, e uma está deitada apoiada em outra. Eu não sei o que é aquilo. É a que eu mais olho porque eu passo por ela duas vezes ao dia, eu olho pra ela e me pergunto: O que aconteceu aqui? Essa escultura de madeira eu não consigo nem obter uma representação pra ela.

Nestes diálogos, é possível identificarmos que os sujeitos utilizaram como uma das referências para a interpretação das peças os materiais utilizados nas esculturas mencionadas, como é o caso da pedra citada pelo interlocutor 1 referindo-se a obra *Os dedos de Deus* (Figura 1), da madeira apontada pelo narrador 2 em relação à obra *Derrubada* (Figura 2) e também a corrente na obra *Camponês* (Figura 3). Desta forma, os significados atribuídos a estas representações estão relacionados ao contato estabelecido com as peças no espaço da Praça, através da experiência pessoal de cada sujeito com estas representações.



Figura 1: Dedos de Deus

Nota: autoria de Hélio Miranda e fotografia do autor (2014).



Figura 2: Derrubada  
Nota: autoria de Admar Custodia e fotografia do autor (2014).



Figura 3: Camponês  
Nota: autoria de Loures e fotografia do autor (2014).

Adentraremos agora em outra extremidade sobre a relação entre os sujeitos e os monumentos: a compreensão. Ao mesmo tempo em que as esculturas são objetos capazes de remeter as lembranças de determinados atores sociais, elas também podem compreendidas por diversas formas. Notamos que pela ausência de informações das peças instaladas na Praça Universitária, alguns sujeitos interpretam e assimilam os seguintes significados sobre as esculturas:

Interlocutor 3: Tá ai, mas não dá pra saber. Engraçado. Por esses dias, eu perguntei pra ele o que significava uma estátua que eu vi, mas só que ele não sabia me dizer, não tinha informação. Dá pra ter algumas ideias, mas é como eu te falei, não dá pra saber o que é. Assim, eu observo né? Só que eu não sei o que significa. Eu observo bastante.

Interlocutor 5: Eu nem reparo. Quando eu venho pra cá, eu só fico aqui nesta parte de cima (referindo-se ao prédio da biblioteca). Assim, eu só vejo aquela ali (apontando para a obra Guardião), mas eu só olho de longe, não faço a mínima ideia do que significa. Às vezes você vê alguma coisa e acha que é uma coisa, só que é outra coisa.

Esta constatação da existência de significados que extrapolam a lógica estabelecida pelos autores das obras traduzidos nos depoimentos anteriores, evidencia a subjetividade em relação ao contato com estas representações, pois, devido à falta de informações no local de observação e a falta da proximidade, cada sujeito assimilou o significado do monumento de forma distinta. Segundo Rocha (2003), o conhecimento adquirido anteriormente pelo observador e os elementos relacionados ao momento da observação, além de outros fatores externos (o trânsito, a violência, o tempo, a visualidade de uma paisagem saturada pela propaganda) são fatores que podem levar a esta leitura pessoal:

A percepção externa de um signo, como uma estátua no meio de uma praça, por exemplo, tem características físicas captadas por quem as observa que não deixam dúvidas. O significado desta estátua, porém, pode variar muito de observador para outro. Este fato se dá pela leitura que cada um faz, levando-se em conta o conhecimento sobre o que a estátua representa, as características culturais do observador, sua disposição interna no momento da observação, além de uma série de outros fatores que podem interferir no resultado final para cada um (ROCHA, 2003, p. 68).

Por último, outro questionamento levantado durante as entrevistas com estes sujeitos refere-se a uma possível retirada ou deslocamento destes monumentos escultóricos da Praça Universitária. Procuramos, a partir desta interrogativa, entender até que ponto os monumentos escultóricos são significativos para os frequentadores e de que maneira sua retirada no espaço da Praça impactaria no cotidiano do local com a ausência destas representações:

Interlocutor 1: Sim, porque isso é a marca daqui. Acho que na verdade o que deveria ter aqui era mais zelo, sabe? Pra não pincharem, não depredarem. Então assim, ter uma maior conscientização, porque isso é uma falta de respeito. O cara ficou horas esculpindo

pra vir outro e destruir. Isso até desmotiva o artista, né? E assim não tem como trazerem novas esculturas, porque algumas podem ser destruídas.

Interlocutor 3: Ficaria sem graça, porque mesmo não tendo um significado, dá um pouco de “ar” aqui e significa bastante. Se tirasse ia fazer falta. Eu pelo menos estou acostumada aqui, por exemplo, eu fiquei de encontrar ele ali no bar da tia, ai pra mim sempre que eu venho aqui é meio confuso porque eu sempre venho de ônibus. Eu só consigo achar aqui por causa daquela estátua ali, a da mão, (apontando para os Dedos de Deus) ai eu sei chegar até aqui.

Nesses diálogos, percebemos que cada sujeito aponta uma consequência distinta para um possível deslocamento destas representações do espaço da Praça para outro lugar. Dessa forma, verificamos que caso ocorra à retirada destes objetos, sua ausência impactaria diretamente no cotidiano e na experiência destes frequentadores com o local.

Quando observamos as considerações do Interlocutor 1, vemos que as representações são compreendidas como um marco referencial do local, sendo apontando a necessidade de conservação das peças como forma de permanência das esculturas já instaladas e a inserção de novos objetos na Praça: “Sim, porque isso é a marca daqui. Acho que na verdade o que deveria ter aqui era mais zelo, sabe?”. Nessa perspectiva, os monumentos escultóricos tornam-se símbolos referenciais na paisagem urbana, pois demarcam e legitimam os espaços onde são instalados.

Apesar de não possuir um significado aparente para o Interlocutor 3, este acredita serem importantes as esculturas, devido sua função estética na paisagem da Praça Universitária ao afirmar que sem elas “ficaria sem graça” e “dá um pouco de ar” ao espaço. Além disso, também considera os monumentos como uma referência para situar-se dentro do espaço da praça: “Eu só consigo achar aqui por causa daquela estátua ali, a da mão”. Nesse sentido, Passos (1993) aponta que o monumento possui também uma dimensão de localização espacial:

[...] o monumento, implantado no centro de uma praça, na calçada de um edifício imponente ou no recanto arborizado de um parque, pontua e personaliza o espaço, testemunha encontros marcados, orienta o transeunte em sua caminhada, levando-o a erguer o olhar para detê-lo na obra de arte (PASSOS, 1993, p. 73).

Com estes testemunhos, verificamos que os monumentos escultóricos instalados na Praça Universitária, sendo diretamente notados ou não, apreciados ou não, marcam inegavelmente seu núcleo e entorno, tornando-se referências significativas deste espaço. Os discursos apontados serviram para certificar que os sujeitos que frequentam a Praça se relacionam com estas representações escultóricas em diferentes níveis e perspectivas: observando, criando imagens, associando a lembranças, mantendo indiferença, atribuindo significados, ou buscando sentidos.

Nessa perspectiva, ficou evidenciado que a relação dos sujeitos com as esculturas da Praça Universitária é complexa, pois ocorre de maneira particular e subjetiva, ou seja, se efetiva na existência de várias determinantes: a disposição das peças no local, a formação cultural e intelectual do indivíduo, a classe social, a motivação para o uso e frequentação da Praça, a trajetória de vida, o momento da observação, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso, procuramos identificar na Praça Universitária quais são as relações estabelecidas entre as representações escultóricas instaladas no local com as formas de uso e apropriação pelos sujeitos. Com esta atitude investigativa percebemos uma multiplicidade de sentidos e interpretações, através dos olhares e discursos que se estabelecem a partir das experiências individuais e coletivas de seus frequentadores. Os diversos significados atribuídos tanto às esculturas e ao espaço da Praça devem-se a trajetória de vida e os vínculos ali firmados pela população que se apropria deste espaço físico e simbolicamente.

Com a implantação do Museu de Esculturas ao ar Livre no ano 2000, nota-se que a dinâmica da Praça passa a vivenciar uma (re) valorização simbólica, cultural, social e estética em sua paisagem, permitindo novas experiências sensoriais e cognitivas dos frequentadores em contato com estas representações, reafirmando a Praça Universitária como um espaço de memórias.

Na ótica do imaginário urbano, apoiamo-nos na afirmação de Passos (1993) e consideramos ser íntima a relação entre representação escultórica e a constituição do imaginário das cidades, na medida em que estes artefatos são depositários de significações reveladoras. Desta forma, não cessam os inúmeros sentidos atribuídos aos monumentos pelos sujeitos na medida em que se constituem as relações com estes artefatos.

Considerados pequenos, grandes, feios, bonitos, úteis, inúteis, sagrados ou profanos além de outras atribuições e sentidos conferidos aos objetos escultóricos pelos sujeitos, estes também assumem um importante papel na consolidação da memória dos lugares onde são implantados. Nesse sentido, o espaço da Praça Universitária, abriga uma multiplicidade de formatos e estilos de representações que possibilitam o resgate de conteúdos simbólicos, tornando-se abrigo de memórias dos sujeitos que ali se apropriam.

Para além de uma ruptura no traçado urbano da cidade de Goiânia, fortemente marcado pela verticalidade, a Praça Universitária tem se colocado desde seu surgimento como um espaço aberto e de múltiplas possibilidades, permitindo o encontro, a permanência, a participação política, a troca de saberes e o direto à cidade. Concordando com Pelá e Chaveiro (2011) com estas múltiplas funções, o mundo se manifesta ali. São, portanto, intensas as relações entre os diversos sujeitos que cotidianamente dão vida ao lugar. Afinal, que encanto teria vivenciá-la se estivesse completamente vazia, carente de sujeitos e representações? Sem dúvidas, a Praça Universitária não seria a mesma.

## SCULPTURES OF PRAÇA UNIVERSITÁRIA IN GOIÂNIA: TRAVERSING CLUE OF URBAN IMAGINARY

*Abstract: in this study we investigate the imaginary of Praça Universitária, including the relationship between their sculptural representations and the use of space by the subjects. We chose the sculptural monuments as clues to an analysis of the urban imaginary because of the symbolic dimension that these artifacts have and its relevance in the constitution of landscape of Praça Universitária. In this sense, we seek to understand the meaning of these representations with performing some field observations and through the testimonies of some of the local regulars.*

**Keywords:** *Sculptures. Praça Universitária. Goiânia. Urban Imaginary.*

## Notas

- 1 Projeto idealizado pela jornalista Maria Célia Câmara, implantado na Praça Universitária no ano de 2000. Com a proposta de criação e acesso livre a obras de arte de vários tipos de materiais produzidos por diversos artistas. Para a composição do projeto, foram selecionadas 26 esculturas e dois painéis com estilos artísticos que vão do figurativo ao abstrato.
- 2 Silva (2010) cunhou o termo “cidades do tempo ausente” para expressar a ideia de que nas cidades brasileiras planejadas percebe-se uma busca pela constituição da sua temporalidade.
- 3 A palavra flâneur vem do francês e significa “vadiar” do verbo flâner que significa “para passear”. Trata-se de um personagem desenvolvido por Charles Baudelaire no século XIX representando a angústia da Revolução Industrial através de uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la.

## Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a Memória das Cidades*. Porto Alegre: Revista Território, 1998, n.4, p. 6-26.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, vol. 3.
- BRASIL, Flavia de Paula Duque. *Apropriação das Praças como Espaço de Lazer, Cultura e Cidadania*. In: Anais do V Encontro Nacional da ANPUR – Encruzilhadas das Modernidades e planejamento. Belo Horizonte: V Encontro Nacional da ANPUR, 1993, p.160-179.
- CALDEIRA, Junia Marques. *A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- COSTA, Otavio. *Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares*. Rio de Janeiro: Revista Espaço e Cultura/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008, n. 36, p.149 -156.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas - Os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo*. São Paulo: ANABLUME/SESC/FAPESP, 1997.
- KRAUSS, Rosalind. *A escultura no campo ampliado*. Rio de Janeiro: Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, p.128-137, reedição, 1984.
- PASSOS, Maria Lúcia Perrone. *Monumentos Urbanos em São Paulo*. In Cadernos de História de São Paulo - A cidade e a Rua. São Paulo: 1993, p. 72-79.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: SENAC, 2004.
- PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Uma interpretação Socioespacial: Praça Universitária Goiânia-Goiás-Brasil*. In Observatório Geográfico América Latina-XII Encontro de Geógrafos da América Latina: San José, 2011, p. 1-13.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade - Visões Literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- ROCHA, Lurdes Bertol. *Fenomenologia, Semiótica, e Geografia da Percepção: Alternativas para Analisar o Espaço Geográfico*. Sobral: Revista da Casa de Geografia de Sobral, 2003, v.4, p 67-79.
- SILVA, Valéria Cristina Pereira Da. *Palmas, a Última Capital Projetada no Século XX: Uma Cidade em Busca do Tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Goiânia - Um Mosaico Imaginário: Micro-Tempo- Territorialidades*. Presidente Prudente: Caderno Prudentino de Geografia, 2013, v. 35, p. 6-25.